

A trajetória do arquiteto Roberto Capello: Turim e Brasil.

The professional trajectory of architect Roberto Capello: Turin and Brazil.

Karine de Arimateia*, Ana Maria Gadelha Albano Amora**

*Doutora em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Proarq (2021); Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Faculdade de Arquitetura da UFMG (2014); Pós-graduada em Políticas Públicas pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG/Departamento de Ciência Política (2009); Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (1997). Professora Regime Integral do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Newton Paiva desde 2015, karinearimateia@gmail.com

**Doutora em 2006 pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano IPPUR da UFRJ. Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU, desde 2008, e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Participa da área de concentração PATRIMÔNIO, TEORIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA, atuando nos Grupos de Pesquisa ProLugar e LabLugares, com as seguintes pesquisas: Lugares de Memória da Saúde e Arquitetura e Arquitetos Brasileiros - séculos XIX e XX. Participa na rede "Latino-Americana de Pesquisadores em História da Arquitetura Hospitalar", coordenada pela Universidade Nacional Autônoma do México - UNAM. Bolsista de produtividade em pesquisa CNPQ, aaamora@fau.ufrj.br

usjt

arq.urb

número 30 | jan-abr de 2021

Recebido: 07/08/2020

Aceito: 17/12/2020

DOI: [10.37916/arq.urb.vi30.454](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi30.454)



Palavras-chave:

Arquitetura,
Sul América,
SULACAP.

Keywords:

Architecture,
Sul América,
SULACAP.

Resumo

Este artigo insere-se no campo de estudos relativos à produção arquitetônica dos profissionais pouco referenciados na literatura brasileira, referente às primeiras décadas do século XX. Para tanto, apresenta a trajetória do arquiteto italiano Roberto Capello, que migrou para o Brasil na década de 1930 para trabalhar na empresa Sul América, onde assinou os projetos para as sedes nas principais capitais brasileiras. Tal apresentação foi extraída da pesquisa pessoal de doutoramento em curso no Proarq/UFRJ, cujo objetivo é, a partir do estudo referenciado dessas obras, apreender o cenário constituinte do processo de transformação da arquitetura brasileira do período de 1930 a 1950.

Abstract

This article is part of a study about the architectural work of professionals rarely mentioned in Brazilian literature in the first decades of the 20th century, and focuses on the trajectory of Italian architect Roberto Capello, who migrated to Brazil in the 1930s to work on various projects for the Sul America Company in the main Brazilian state capitals. The article was taken from ongoing personal doctoral research at Proarq/UFRJ, and based on referenced studies of Capello's work, seeks to comprehend the scenario of the transformations that took place in Brazilian architecture from 1930 to 1950.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar parte da pesquisa de doutoramento em curso no Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Proarq/UFRJ), que versa sobre as obras do arquiteto italiano Roberto Capello (1901-1985), especificamente aquelas construídas para sediar as empresas Sul América Capitalização (SULACAP) e Sul América Companhia Nacional de Seguros de Vida (SALIC) nas principais capitais brasileiras.

A despeito da abordagem biográfica não integrar a estratégia metodológica da pesquisa, o artigo apresentará o resultado da investigação referente à trajetória profissional de Capello (BOURDIEU, 2006), que até então era desconhecida, porém necessária para o entendimento das influências que o arquiteto sofreu no campo do projeto e que, inevitavelmente, foram utilizadas nos edifícios em análise. Até o início desta pesquisa, eram obscuros dados como a sua nacionalidade, a sua formação acadêmica, a data e os motivos que o fizeram migrar para o Brasil, além de outras informações relevantes para fundamentar os objetivos traçados na pesquisa. Tais dados foram conquistados no decorrer da investigação e o material reunido segue aqui compilado, constituindo uma colaboração paralela para o campo da arquitetura brasileira, principalmente em relação às contribuições dos arquitetos imigrantes pouco referenciados na literatura.¹

Como acréscimo, cabe ressaltar que as edificações projetadas por Roberto Capello para as empresas SULACAP e Sul América não foram estudadas em sua totalidade, tampouco, com algumas exceções, foram analisadas separadamente. Representam, sem dúvida, um acervo significativo referente ao processo de verticalização no Brasil e à presença na paisagem urbana de edifícios empresariais, alinhados aos princípios da racionalidade e austeridade formal, que se inseriam no discurso e na prática da arquitetura brasileira da época. Este texto apresenta um panorama da trajetória do profissional como parte da proposta mais ampla de apreender o cenário constituinte do processo de transformação da arquitetura brasileira do período de 1930 a 1950.

¹Sobre este tema, cabe destacar a recente publicação do livro intitulado "Presença Estrangeira - Arquitetura no Rio de Janeiro 1905-1942", de Maria Cristina Cabral e Rodrigo Cury Paraízo (2018), que, a despeito da ênfase

Roberto Capello e sua trajetória

Indícios

A busca de dados sobre Roberto Capello foi realizada, inicialmente, nas escassas publicações que o referenciavam. O que há disponível, resume-se em conferir-lhe, por meio de breves citações, a autoria dos projetos de alguns dos edifícios sede da empresa Sul América Companhia e suas ramificações, como a SULACAP. Dessa pesquisa, foram levantadas as seguintes referências, que serviram de base, sobretudo, para analisar as relações profissionais de Capello no Brasil:

Roger Pamponet e José Sánchez (2016), ao traçarem o panorama da obra do engenheiro Emílio Baumgart em artigo publicado no IX Congresso Brasileiro de Pontes e Estruturas, apresentaram a seguinte citação: "Em 1938 com o Arq. Roberto Capello fez o cálculo do edifício Salic (1938) de Porto Alegre" (2016, p. 4). São conhecidas as estreitas relações profissionais que Baumgart mantinha com os arquitetos da cena moderna, assinando obras emblemáticas junto a Eduardo Reidy, Oscar Niemeyer, Lucio Costa e outros, fato, que a princípio, sugeriu a vinculação de Capello com os arquitetos reconhecidos como progressistas.

Já Roberto Segre (1998), em artigo publicado sobre o centenário de Belo Horizonte, traz a seguinte descrição sobre o Conjunto Arquitetônico SULACAP/Sul América dessa cidade:

Uma obra mestra do proto-modernismo latino-americano e obviada nas histórias da arquitetura da região é o conjunto de comércio e escritórios SULACAP-Sudameris (SIC), realizado em 1941 pelo arquiteto Roberto Capello. Nela se mostra uma articulação entre arquitetura e cidade comparada só com o conjunto Simón Bolívar de Cipriano Domingues, construído em Caracas uma década depois. (SEGRE, 1998, p. 9) (Grifo nosso).

A exemplaridade da obra deixada em Belo Horizonte fez com que o nome de Roberto Capello se espalhasse em inúmeros artigos e livros², entretanto nenhum deles sequer mencionou alguma informação relevante sobre a trajetória profissional do arquiteto.

nas obras produzidas pelos arquitetos imigrantes na capital carioca, é inegável sua contribuição para o registro das obras dos "outros nacionais", conforme terminologia utilizada pelos autores.

²O edifício é citado por Segawa (1998), Pereira (2012), Maciel (2006), e outras dissertações e teses.

Nivaldo Andrade Júnior et al. (2009), ao descrever sobre o inventário da arquitetura moderna na Bahia, apontou Roberto Capello entre os arquitetos e projetistas com obras mais significativas na Bahia:

Foram levantadas as obras mais significativas dos mais importantes arquitetos e projetistas modernos atuantes na Bahia a partir da década de 1930, como Alexander Buddeüs, Roberto Capello, Hélio Duarte, Paulo Antunes Ribeiro, Lev Smarcevski, Antônio Rebouças, Diógenes Rebouças, José Bina Fonyat Filho, Lina Bo Bardi, João Filgueiras Lima (Lelé), Assis Reis, Gilberbet Chaves, Paulo Ormino de Azevedo e Pasqualino Magnavita. (ANDRADE JUNIOR et al, 2009, p. 13), (Grifo nosso).

Carlos Finochio (2011), em artigo sobre a trajetória da arquitetura e urbanismo da cidade de Santos, citou o edifício SULACAP e conferiu a autoria do projeto arquitetônico a Roberto Capello:

Em 1936, foi erguido o edifício mais alto da cidade de Santos, edifício SULACAP, com seus 10 andares, situado na Rua XV de Novembro, 41. Um prédio comercial, de linhas suaves com elementos inclinados na fachada para a captação de luminosidade zenital por uma clarabóia no seu topo. Construído pela Sul América Capitalização S/A., projeto do arquiteto Roberto Capello, o moderno edifício já possuía ar-condicionado central. Todo o material de acabamento foi importado, inclusive os elevadores ingleses e os mármore de Carrara. (FINOCHIO, 2011, p. 6), (Grifo nosso).

Ana Paula Canez, em sua tese de doutorado sobre Arnaldo Gladosh, registrou que os edifícios SULACAP e Sul América de Porto Alegre “foram projetados por Arnaldo Gladosh no escritório técnico de Roberto Capello” (CANEZ, 2006, p. 27).

Carina Cardoso, em sua dissertação de mestrado cujo tema envolveu a verticalização da cidade de Juiz de Fora, discorreu sobre o edifício SULACAP, construído na Rua Halfeld:

A construção de seis pavimentos [...] era o edifício Sulacap, à época, o mais alto prédio de Juiz de Fora. Projetado pelo engenheiro Roberto Capello, em seu pavimento térreo localizavam-se lojas e o escritório da empresa, no segundo e terceiro pavimentos, escritórios, e nos demais, apartamentos. (CARDOSO, 2015, p. 79), (Grifo nosso).

Em artigo publicado sobre a transformação urbana do Recife, Fernando Diniz Moreira (2016) indicou a presença do edifício SULACAP - a despeito também da existência da sede da Sul América na cidade - e analisou a obra:

Este jogo entre côncavo e convexo também está presente na entrada oposta da avenida, nos edifícios Sulacap e Santo Albino. Projetado pelo arquiteto Roberto Capello do Rio de Janeiro, o Sulacap posiciona-se ao lado da Igreja Matriz de Santo Antonio, que tinha dominado o skyline da área até seu vizinho surgir anunciando os novos tempos. (MOREIRA, 2016, p. 305), (Grifo nosso).

Assim, na ausência de dados biográficos que pudessem auxiliar na tentativa da construção do percurso profissional do arquiteto Roberto Capello, outras fontes de pesquisas foram consultadas. Nessa busca, o acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional serviu para constatar as inúmeras viagens realizadas pelo arquiteto pelo Brasil, em visita aos locais onde as sedes das empresas seriam construídas ou se encontravam em construção, assim como outros dados que possibilitaram localizar seus descendentes, em especial sua filha Carla Capello, que gentilmente concedeu entrevista e mostrou o acervo pessoal deixado pelo pai.³ O arquivo da empresa Sul América no Rio de Janeiro também foi pesquisado com o objetivo de encontrar as peças gráficas dos projetos de arquitetura dos edifícios – doados pela filha à empresa – mas tais projetos não foram encontrados. A despeito da inexistência dos projetos, o acervo, composto pelo material dos extintos Museu Sul América e Biblioteca, que funcionaram no prédio da Rua da Quitanda até a transferência da sede para a nova edificação,⁴ tornou-se um material importante e essencial para a análise, uma vez que foram encontradas as revistas publicadas pela Sul

³Carla Capello - neta do engenheiro Ludgero W. Dolabella, que integrou a equipe de planejamento de Belo Horizonte - concedeu gentilmente entrevista em sua residência na cidade do Rio de Janeiro, em maio de 2016, e disponibilizou todo o acervo particular do pai. No acervo constam desenhos, pinturas, fotografias e o diploma de formação em engenharia na Politécnica de Turim. Ao questionar a existência de projetos, Carla informou que doou todo o acervo para o Museu Sul América que, na ocasião, funcionava no prédio da Rua da Quitanda.

⁴ A nova sede foi construída na Rua Beatriz Larragoiti Lucas, 121, Rio de Janeiro. Com a mudança de endereço da sede, todo o acervo foi transferido para uma empresa de logística no interior do estado do Rio de Janeiro, que ficou responsável por sua guarda. A existência deste acervo foi informada pelo diretor de Marketing Corporativo da Empresa Sul América, Sr. Zeca Vieira, que disponibilizou, inicialmente, uma listagem detalhada de todo o material existente, da qual selecionamos o conteúdo a ser pesquisado. Com isto, a empresa transportou o material previamente selecionado para a sede do Rio de Janeiro, onde a pesquisa foi realizada.

Copacabana Palace Hotel resiste vitoriosamente à ação corrosiva do tempo. Ao lado delas êle é moderníssimo. (CAPELLO, 1936, p. 17).

Nota-se, em suas palavras, parte da discussão sobre arquitetura moderna à época: a arquitetura, para ser moderna, deveria empregar as técnicas contemporâneas em formas tradicionais ou a arquitetura deveria exprimir o progresso técnico da época em formas inovadoras?

Sobre esta questão, vale evocar o pensamento do arquiteto mexicano Juan O’Gorman, pronunciado em uma conferência em 1933, na Sociedade dos Arquitetos Mexicanos (SAM), que se aproxima das ideias de Capello representadas no artigo supracitado:

Por isso, senhores, a arquitetura que uns chamam de funcional ou racional e outros alemã, sueca, internacional ou moderna, produzindo confusões com tantos nomes, a chamaremos ‘arquitetura técnica’, com o objetivo de defini-la melhor, entendendo claramente que sua finalidade é a de ser útil ao homem de uma maneira direta e precisa. (O’GORMAN, 1933, in MALUENDA, 2016, p. 43) (Tradução nossa).⁵

Outro registro do pensamento de Capello foi extraído de uma entrevista concedida ao jornal O Dia, de Curitiba, publicada na edição de 16 de maio de 1936, na ocasião da inauguração da sede da Sul América nessa cidade, a qual demonstrou a preocupação do arquiteto com a utilização de materiais locais:

Por princípio e mesmo em harmonia com as tradições da Companhia, em qualquer parte onde erguemos uma construção, como aqui, são meticulosamente estudados os recursos regionais que permitissem na obra o maximo aproveitamento das reservas naturais do Estado. Infelizmente, no tocante por exemplo ao serviço de marmoraria, tivemos que sacrificar a nossa intenção. De facto, não se ignora que no Brasil existem talvez as jazidas do mármore mais formoso do mundo, assim outras riquezas incomparáveis, como no Paraná o mármore de Castro. Todavia, a aplicação desse material praticamente ainda não está na altura de satisfazer as necessidades de uma construção de vulto, por isso que os processos de industrialização não oferecem a facilidade requerida, isto é, o mármore está lá na serra e para aproveitá-lo não constamos ainda com meios que nos façam chegar até aqui como desejamos [...]. (JORNAL O DIA, 1936, p. 8).

América, cuja leitura comprovou a existência de outras sedes de autoria do arquiteto e não mencionadas na literatura, como as de Curitiba, Florianópolis e Fortaleza.



Figura 1: Roberto Capello. Fonte: Acervo pessoal de Roberto Capello.

Houve, também, a tentativa de captar a substância do pensamento de Capello verificando a existência de textos, artigos ou outros escritos de sua autoria, mas o acervo pessoal, tampouco os periódicos da empresa, não incluíam tais dados. O único artigo levantado, assinado por ele, foi publicado em 1936, na Revista Arquitetura e Urbanismo, com o título de “O Copacabana Palace Hotel”. O texto publicou o projeto original do hotel, de 1921, de autoria de Joseph Gire (1872-1933), o qual, no ano de 1936, já havia sofrido modificações em decorrência de reformas. Capello, de certa forma, defendeu a arquitetura do edifício, aparentemente rechaçada por não ser “moderna”:

Finalmente, aprendemos que a boa arquitetura, ou para melhor dizer, a arquitetura não depende das formas aparentes externas. O Hotel Copacabana, é de ‘estilo’ Luiz XVI. Que importa? Ao lado das construções ditas modernas, levantadas posteriormente, mas que de modernas não têm nada, pois não apresentam as soluções técnicas que constituem o fundamento da arquitetura contemporânea – o

⁵“Por eso, señores, a la arquitectura que unos llaman funcional o racional y otros alemana, sueca, internacional o moderna, produciendo confusiones con tanto nombre, la llamaremos ‘arquitectura

técnica’, con el objeto de definirla mejor, entendiendo claramente que su finalidad es la de ser útil al hombre de una manera directa y precisa.” (O’GORMAN, 1933, in MALUENDA, 2016, p. 43).

Conforme já pontuado, tais levantamentos são preliminares, porém suficientes para o início da construção da trajetória profissional de Roberto Capello, relatada a seguir.

De Turim ao Brasil

Roberto Capello nasceu em 28 de outubro de 1901, em Cuneo, comuna italiana da região de Piemonte, e migrou para o Brasil após 1925, ano em que seu diploma em engenharia na *Politecnico di Torino* foi expedido.⁶ O que tudo indica é que veio de mudança para o Brasil já com o emprego garantido na Sul América,⁷ sediada no Rio de Janeiro, onde integrou o Departamento de Propriedades e Hypotecas, com a responsabilidade de execução dos futuros projetos arquitetônicos das sedes do grupo da empresa, as quais seriam construídas nas principais cidades brasileiras. A existência do Departamento de Propriedades e Hypotecas foi informada no livro comemorativo dos quarenta anos da Sul América, redigido em 1935:

Este Departamento, para desempenho dos trabalhos a seu cargo, conta, além do Chefe, com 5 funcionarios, um avaliador effectivo e um substituto, estando a parte thecnica de elaboração de projectos de construcção, fiscalização de obras, etc, a cargo de um engenheiro civil e architecto, o Dr, Roberto Capello, auxiliado por um desenhista.⁸

A data precisa de sua mudança definitiva não pode ser confirmada. A primeira passagem pelo Brasil, registrada nos jornais, data de 1929,⁹ porém não se comprovou se essa foi a sua primeira estada no país ou se o seu estabelecimento de fato, mas sabe-se que em 1931 ele retornaria à Itália, para visitar seu país natal ou para concluir definitivamente sua mudança, como pode ser verificado na passagem abaixo:

Embarcaram no 'Giulio Cesare', que partiu para Genova e escalas, as seguintes pessoas: Tano Ugo, Dr. Roberto Capelo (SIC), D. Elisabeth Cerruti, [...]. (JORNAL DO COMMERCIO, 1931, p. 11)

⁶Data de nascimento e de formatura confirmadas no Diploma de Formatura. Acervo pessoal de Roberto Capello.

⁷Segundo Carla Capello, sua avó paterna possuía relações como o Sr. Larragoitti, então presidente da Sul América, fato que garantiu o emprego de Capello na empresa.

⁸Livro comemorativo intitulado "A Sul América Companhia Nacional de Seguros de Vida aos 40 anos", sem data, autoria e editora, constante no acervo da empresa.

Sabe-se, porém, que seu nome volta a aparecer nos jornais em 1933¹⁰ e que no ano de 1935 Capello já possuía a carteira profissional de engenheiro expedida pelo então Conselho Regional de Engenharia e Architectura da Quinta Região do Rio de Janeiro,¹¹ registro que lhe possibilitou dar início ao projeto arquitetônico da sede em Curitiba, cuja obra foi iniciada em 1935, primeira de tantas outras sedes que viriam a ser assinadas por Capello no Brasil.



Figura 2: Perspectiva, de autoria de Roberto Capello, da sede de Curitiba. Fonte: Acervo pessoal de Roberto Capello.

Na década de 1930, o registro das carteiras profissionais do Conselho Regional de Engenharia era emitido pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e publicado no Diário Oficial da União (DOU). Na edição de junho de 1935, consta o nome de Roberto Capello, com o registro de engenheiro civil nº 1.145. Naquela época,

⁹Além do Senador Irineu Machado, chegaram pelo 'Giulio Cesare' os srs. Deputados Mauricio de Medeiros, engenheiro Roberto Capello [...]. Correio da Manhã, 14 de agosto de 1929, p. 6, edição 10620.

¹⁰Conforme noticiário no Jornal do Commercio, 19 de janeiro de 1933, p. 8, edição 00016, nas doações para a Ordem Internacional Theosofica de Serviço, Seção Brasileira, consta o nome de Roberto Capello.

¹¹Publicado no DOU (Diário Oficial da União), de junho de 1935.

alguns profissionais detinham o título de engenheiro-arquiteto, como pode ser comprovado na descrição de outras carteiras publicadas, entretanto Roberto Capello possuía, no Brasil, até esta data, o único título de engenheiro. Já na edição do *Jornal do Brasil*, de 17 de junho de 1936, a Diretoria de Engenharia publicou o Boletim nº 129, com a relação dos “arquitetos-constructores, constructores e arquitetos, registrados nesta Diretoria como licenciados em 1936” e o nome de Roberto Capello aparece na lista de “Arquitetos Diplomados”. Como o trâmite aconteceu não cabe aqui a discussão. Fato é que, a partir daí, todas as notícias nos jornais da época, com raras exceções, tratavam Capello como arquiteto.

Posteriormente, seu nome aparece na composição dos membros do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), integrando a lista de assinaturas do Movimento Renovador do IAB - em conjunto com outros nomes como o de Archimedes Memória (1893-1960) -, Movimento responsável pela publicação do “Manifesto aos Arquitetos”. Tal carta era uma resposta à outra carta manifesto assinada por um grupo contrário, os chamados ‘modernos’ da escola carioca, do qual faziam parte Lucio Costa (1902-1998), Oscar Niemeyer (1907-2012), Carlos Leão (1906-1983) e outros arquitetos. O conteúdo revela que os dois grupos discutiam as alterações do estatuto do IAB às vésperas das eleições dos conselhos diretores e fiscais do Instituto, e sinaliza os conflitos ideológicos entre as duas partes, já bastante discutidos na literatura, principalmente quando o assunto diz respeito ao concurso para a sede do Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP). É oportuno transcrever um fragmento da carta assinada pelo Movimento Renovador:

É sabido, e de sua culposa indiferença se penitencia a grande maioria da classe, que após anos de fidelidade a seus elevados propósitos, um grupo mais ousado vem tentando afastar o I.A.B. das suas normas tradicionais, ingressando indevidamente no campo das atividades político-partidárias, de tal forma, que hoje é, infelizmente, a nossa sociedade de classe apontada com núcleo de extremistas. [...]. Assim é que se projetou uma reforma de estatutos desconhecida da própria Assembléia. [...]. O interesse de que novos ‘estatutos’ rejam as eleições reside no fato de permitir interpretação sofisticada, que atribui, também aos sócios dos Departamentos Estaduais, o direito de votar para o Conselho Diretor do I.A.B. do Rio, o que é não se nos afigura razoável. (CORREIO DA MANHÃ, 1949, p. 7). (Grifo nosso).

A associação de Capello ao grupo de Archimedes Memória possibilita iluminar parte de suas relações profissionais. Archimedes foi personagem central de alguns

episódios da disputa entre os arquitetos ditos acadêmicos e modernos nos anos 1930, tais como a concorrência pela diretoria da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e o concurso do MESP. Suas inúmeras obras revelavam a preferência do arquiteto pela linguagem tradicionalista, amplamente atacada pelo grupo “mais ousado”, que seguia os ideais corbusianos. Era o grupo tradicionalista que Capello apoiava, ele e diversos arquitetos imigrantes, dentre os quais, que assinaram a referente carta: Geza Heller (Hungria/1902 - Passa Quatro, MG/1992); Robert Russell Prentice (Fife/1883 – Eastbourne/1960), Camillo Michalka (Viena/1921 - Teresópolis/2012); Adolfo Morales de los Rios Filho (San Sebastian/1887 - São Pedro da Aldeia, RJ/1973). Tal constatação contradiz, de certa forma, a avaliação preliminar sobre as relações profissionais de Capello, porém não cabe aqui, neste ponto, essa discussão.

Contexto de formação

Por outro lado, no contexto da formação acadêmica de Capello na Itália, os debates entre a arquitetura tradicional e a racional também adentravam o discurso do campo arquitetônico italiano, mas de maneira totalmente diferenciada do caso brasileiro.

A marcha fascista a Roma delinea o ambiente em que se instauraram novos olhares em todos os campos das artes, registrados em manifestos, artigos e exposições. Especialmente em relação à arquitetura, o debate entre o racionalismo e a boa ordem da tradição tornou-se o mote no decorrer dos anos do estabelecimento do regime. As ideologias futuristas anteriores a esse debate não ficaram esquecidas e, de certa forma, contribuíram para a construção dos debates posteriores, cujas relações são complexas, conforme defende grande parte da historiografia, conforme explicitado adiante.

Era o período após a primeira guerra, momento de busca por uma ocupação profissional, intensificada pelo esvaziamento do serviço militar. Os anos que se seguiram foram de crise econômica e hesitação em relação ao futuro. No campo das artes e da arquitetura, o cenário de incertezas promovia deslocamentos de ideais, no sentido de que algo precisava ser feito e, assim, a proposta de grande impacto era a de renovação (GREGOTTI, 1969).

Contudo, as primeiras intenções de mudanças estavam inseridas, com raras exceções, no campo tradicionalista, influenciado, sobretudo, por Gustavo Giovannoni, e

se moveram lentamente até os anos 1925. O movimento dos “900” na pintura aspirava esse ideal, baseando-se na veia classicista para a recuperação da tradição, opondo-se, desse modo, ao vanguardismo europeu. Apoiado por Mussolini, o movimento buscava representar a identidade da cultura nacional, contida nas ideias de sua propaganda política (GREGOTTI, 1969). Essa tendência também era verificada, no mesmo período, na arquitetura, cujas influências decorreram, como a maioria da historiografia aponta, da experiência austríaca sob a figura de Adolf Loos.

Entre os propagadores desse movimento estavam, sobretudo, aqueles dissidentes das concepções dos arquitetos atuantes no final do século XIX e, neste plano, destacaram-se: Giovanni Muzio (1893-1982) - cuja obra mais emblemática dessa influência é a residência da Via Moscova, em Milão, projetada no início da década de 1920; Giuseppe De Finetti (1892-1952), com sua casa Meridiana, também em Milão, de 1925; Gigiotti Zanini (1893-1962), autor do projeto o Palazzo Civita, também na capital da Lombardia. Sobre esta renovação, discorreu Vitorio Gregotti:

Tanto o movimento dos 900, como o neobarroco romano, se apresentam, então, como vanguarda moderada e por alguns anos disputaram com o racionalismo nascente o título da renovação da cultura arquitetônica da Itália. (GREGOTTI, 1969, p.13) (Tradução nossa).¹²

Na esfera racionalista, destacou-se o Gruppo 7, criado em 1926 pelos arquitetos Sebastiano Larco, Guido Frette, Carlo Rava, Luigi Figini, Gino Pollini, Giuseppe Terragni e Adalberto Libera, ambos da Politécnica de Milão. A partir daí, os debates em torno dos dois polos se tornaram mais acirrados, mas de curta duração. No ano de 1928, foi inaugurada em Roma, com o apoio do Sindicato Nacional Fascista dos Arquitetos, a primeira exposição do MIAR (Movimento Italiano para a Arquitetura Racional),¹³ que contou com a participação do Gruppo 7, entabulando uma onda de polêmicas e de opiniões opostas entre os dois eixos (TOGNON, 2000).

Como expressão desses ideais, no ano de 1929, Giuseppe Terragni (1904-1943)

projeta o edifício de apartamentos Novocomun, uma das mais emblemáticas obras do racionalismo italiano.¹⁴ No ano seguinte, em 1930, Marcelo Piacentini¹⁵ publica *Architettura d’oggi*, que, apesar do culto ao antigo, à beleza e à chamada boa ordem da tradição, expõe e diagnostica o cenário no período e o classifica como um momento de transformação, de transição entre o clássico e a arquitetura “de planos nus, ritmos inventados, perfis fantasiosos [...]”. (PIACENTINI, *apud* TOGNON, 2000, p. 26).¹⁶ O arquiteto, formado num ambiente notadamente tradicionalista, foi frequentemente taxado como o defensor oficial da boa arquitetura clássica, não obstante a historiografia o qualificasse como o mediador oficial entre as tendências arquitetônicas do período (TAFURI; DAL COL, 1978).

É provável que esse julgamento a Piacentini tenha raízes nos efeitos da conturbada exposição de 1931, a segunda mostra do MIAR, organizada na *Galeria d’Arte di Roma*, dirigida por Pietro Maria Bardi, cujo excesso de provocação aos acadêmicos¹⁷ gerou uma espécie de censura prévia por parte do Sindicato dos Arquitetos, que, até então, apoiava a busca de uma arquitetura racional e fascista (TENTORI, 2000). A mostra não era homogênea em relação às propostas racionalistas e, depois dela, o grupo dos defensores dos ideais ortodoxos, do qual fazia parte Piacentini, tornou-se mais forte. Marcos Tognon (2000, p. 27) resume o ambiente em curso:

Encontraremos ao lado dos muitos jovens racionalistas, neste movimento nem sempre equilibrado nas propostas, na assimilação de princípios e na capacidade projetual, tantos outros jovens, no papel de críticos e jornalistas, detentores de bom e otimista caráter fascista, compondo, por fim, um somatório, um feixe de forças para a renovação da arquitetura italiana. Giuseppe Pagano, Edoardo Persico, Pietro Maria Bardi, Carlo Belli, Vigilio Marchi, Lionello Venturi, Giulio Carlo Argan, Carlo Ludovico Ragghianti, Raffaello Giolli, Plinio Marconi, Roberto Papini serão algumas das novas assinaturas .

Não se trata aqui de posicionar os ideais de Roberto Capello frente a esses movimentos e sim iluminar o ambiente do período da sua formação, no qual,

¹² “Tanto el movimiento del ‘900’, como el neobarroco, romano se presentan entonces como vanguardia moderada y por algunos años disputarán con el racionalismo naciente el título de la renovación de la cultura arquitectónica en Italia.” (GREGOTTI, 1969, p.13)

¹³ A mostra aconteceu na *Galeria d’Arte di Roma*, auspiciada pelo fascismo e de organização confiada a Pietro Maria Bardi. (TENTORI, 2000, P. 50)

¹⁴ Gregotti identifica Pietro Lingeri como coautor do projeto (1969, p. 14).

¹⁵ Para um panorama da obra de Piacentini, ver Marcos Tognon (2000).

¹⁶ *Architettura d’oggi*, p. 17, citado por Tognon (2000).

¹⁷ A exibição da *Tavolo degli Orrori* foi exposta no espaço de recepção da mostra no dia da sua inauguração e foi temporariamente retirada após sua exibição, em decorrência da polêmica gerada. A colagem reproduzia alguns exemplares da arquitetura acadêmica, numa espécie de ato provocativo. A atribuição da obra foi dada a Pietro Maria Bardi e também a Giuseppe Pagano. Francesco Tentori (2000) suspeita também de Carlo Belli como terceiro autor.

inegavelmente, o arquiteto sofreu influência. Até porque parece impossível posicionar alguma ideia nesse contexto conturbado e discrepante que caracterizou o período - como revelado acima por Marcos Tognon (2000) e também por Vitorio Gregotti (1969). Aqueles que lutavam por uma arquitetura inovadora, ora produziam resultados arquitetônicos carregados da tradição, ora desprovidos dela, tal como Edoardo Persico (1900-1936) demonstrou em seu vestibulo da Trienal de 1936.

Gregotti não nega também a existência de uma zona intermediária entre os dois ideais, assim como levanta a posição ambígua da relação entre os racionalistas com o fascismo. Esse cenário, do mesmo modo, é revelado por Manfredo Tafuri e Francesco Dal Col (1978, p. 281):

[...] durante os anos vinte, as buscas arquitetônicas foram um tanto contraditórias, pelas quais, mais além de sua poética, é muito difícil isolar os dados estruturais, captar o complexo e sutil vínculo que há entre o pluralismo formal e a política cultural oficial. Enquanto o fascismo – mediante um reforçado aparato estatal – se encarrega das transformações sociais e econômicas produzidas pelo desenvolvimento industrial e a reconversão pós-bélica, a mediação intelectual na cidade não transpõe as colunas de Hércules de adesões ou rechaços, puramente formais, a tais processos [...] a polémica arquitetônica vive no interior de um espaço próprio e autônomo. (TAFURI; DAL COL, 1978, p. 281) (Tradução nossa).¹⁸

Porém, após 1936, Gregotti registra uma onda europeia em oposição à arquitetura racional, que se estendeu até a Itália, simbolizada pela VII Trienal, quando o regime se estabeleceu abertamente contra os grupos mais reacionários, ou seja, contra aqueles que defendiam a nova arquitetura. Com a morte súbita de Edoardo Persico nesse ano, somada ao posicionamento mais agressivo do regime, intensificam-se as críticas em relação ao racionalismo. Para Gregotti, a derrota do racionalismo na Itália foi simbolizada pela Exposição Universal de Roma (EUR) em 1942, com um

¹⁸ “[...] durante los años veinte, las búsquedas arquitectónicas fueron un tanto contradictorias; por lo cual, más allá de su poética, es muy difícil aislar los datos estructurales, captar el complejo e sutil vínculo que hay entre el 'pluralismo formal' e la política cultural oficial. Mientras el fascismo – mediante un reforzado aparato estatal – se encarga de las transformaciones sociales y económicas producidas por el desarrollo industrial y la reconversión posbélica, la mediatización intelectual en la ciudad no transpone las columnas de Hércules de adhesiones o rechazos, puramente formales, a tales procesos. [...] la polémica arquitectónica vive en el interior de un espacio propio e autónomo.”(TAFURI; DAL COL, 1978, p. 281)

¹⁹ “[...] El resultado fue desastrosamente monumental en el dibujo artístico y muy corruptor en el plano de la arquitectura. ” (GREGOTTI, 1969, p. 36.)

²⁰ Como aconteceu com Raffaele Giolli, Gianluigi Banfi e Giuseppe Pagano. (GREGOTTI, 1969).

resultado “desastrosamente monumental no desenho artístico e muito corrupto no plano da arquitetura”. (GREGOTTI, 1969, p. 36. Tradução nossa).¹⁹ Os momentos posteriores são de perseguição, por parte do regime, aos principais defensores do racionalismo, resultando, inclusive, na prisão de alguns deles em campos alemães, de onde nunca saíram.²⁰ Sobre esse assunto, discorre Francesco Tentori:

Certamente a derrota geral da arquitetura racionalista na Itália tem suas causas mais profundas na involução cultural e política do fascismo (e também, como se dirá mais adiante, no fato de que, a partir da guerra da Etiópia, o fascismo descobriu outros instrumentos de “propaganda”, como o cinema e o rádio). Mas isso não diminui o fato de que a unidade das artes que faltava nos anos Trinta italianos deva-se a contradições intrínsecas entre as várias disciplinas artísticas, mas também, de modo especial, ao posicionamento hermético dos arquitetos racionalistas. (TENTORI, 2000, p. 48)

Com o afastamento de tempo ideal para a formulação da crítica, Vitorio Gregotti resume, ao final da década de 1960,²¹ o ambiente arquitetônico do período:

Creio que a experiência da arquitetura italiana tem algumas características específicas que podem ser úteis para a cultura internacional: a primeira é a dialética sobre as noções de história e tradição que alimentou toda a arquitetura italiana [...]. A segunda característica é o debate constante entre ideologia e linguagem [...]. A terceira característica nasce como uma consequência das duas primeiras e consiste no estado de constante ambigüidade, seja como complexidade de significado, seja como ineficácia para resolver os problemas. Esta ambigüidade constitui a base da linguagem expressiva da arquitetura italiana mais interessante (GREGOTTI, 1969, p. 7).²²

A despeito da impossibilidade de estabelecer a posição de Capello entre os eixos de discussão no contexto da produção arquitetônica, a sua negação ao regime fascista foi um fator revelado por sua filha Carla, que indicou ter sido esta a principal

²¹ Publicação original em inglês, Editora George Braziller; 1968. A edição em espanhol foi publicada em 1969, pela editora Blume, em Barcelona.

²² “Yo creo que la experiencia de la arquitectura italiana tiene algunas características específicas que pueden ser provechosas a la cultura internacional: la primera es la dialéctica sobre las nociones de historia y de tradición que ha alimentado toda la arquitectura italiana [...]. La segunda característica es el debate constante entre ideología y lenguaje [...]. La tercera característica nace como una consecuencia de las dos primeras y consiste en el estado de constante ambigüedad, sea como complejidad de significado, sea como ineficácia para resolver los problemas. Esta ambigüedad constituye la base del lenguaje expresivo de la arquitectura italiana más interesante.” (GREGOTTI, 1969, p. 7)

causa de seu estabelecimento no Brasil. Podemos acrescentar a essa causa o conturbado ambiente do entre guerras, acompanhado de crise econômica, de falta de oportunidade profissional e da proposta de um emprego garantido em uma empresa em plena ascensão no Brasil, a Sul América.

As autorias

Na tentativa de verificar a participação do arquiteto Roberto Capello nos projetos da empresa antes da sede de Curitiba, inaugurada em 1936, constatou-se que a filial de São Paulo foi inaugurada em 1928,²³ antes, portanto, da primeira passagem de Capello pelo Brasil, conforme os registros encontrados. Ademais, Tiago Franco (2009), em seu estudo sobre as obras de Jacques Pilon (1905-1962), discorreu sobre o edifício SULACAP da capital paulista, e atribuiu-lhe autoria a Robert Prentice, com a participação de Pilon. Essa informação pode levantar a hipótese de que a sede de Curitiba foi realmente o primeiro projeto elaborado pelo arquiteto para a empresa, já que seu nome aparece como responsável técnico por quase todos os projetos subsequentes ao de Curitiba, até o ano de 1948, com exceção do projeto da sede SULACAP de Niterói (1948), de autoria de Robert Prentice, que curiosamente volta a assinar projetos para o grupo.²⁴

As viagens para Curitiba foram registradas nos principais jornais cariocas e também do sul do país. Em uma época em que a aviação comercial estava em seus primórdios, era comum a notícia de passageiros que viajavam pelo ar. Conforme já indicado, esses registros, como o relatado a seguir, possibilitaram relacionar Roberto Capello com a empresa Sul América e levantar outras edificações projetadas por ele, que, inicialmente, não faziam parte desta pesquisa, como a própria sede de Curitiba:

Procedente do Rio da Prata, com as escalas de costume pelos portos do Sul, deu entrada ontem, às 15:30 horas no aeroporto da Ponta do Calabouço, o hidro-avião de carreira da Panair, trazendo os seguintes passageiros para esta Capital: [...] de Paranaguá, Dr. Roberto Capello [...].(JORNAL DO BRASIL, 8 jun. de 1935).²⁵

Com relação às sedes de Porto Alegre, Ana Paula Canez registrou que ambos os

edifícios “foram projetados por Arnaldo Gladosch no escritório técnico de Roberto Capello” (CANEZ, 2006, p. 27). Essa informação preliminar levantou dúvidas sobre a autoria de Capello em relação às duas sedes e, ainda mais, se cabia ou não a análise dos edifícios neste trabalho. A própria autora, ao consultar o projeto arquitetônico do Sul América, informou que no carimbo das pranchas constava apenas o nome de Roberto Capello, porém concluiu sobre a autoria de Gladosch em decorrência de uma citação na tese de doutoramento de Naura Helena Naumann Machado, de 1998, especificamente: “Notícia em jornal da época associa ao nome de Gladosch aquele do arquiteto Roberto Capello do Rio de Janeiro. Efetivamente, tal como no Ed. SUL AMÉRICA, o projeto dessa edificação (SULACAP) ocorre sob a responsabilidade de Gladosch e através daquele escritório.” (MACHADO, 1998, p. 327, *apud* CANEZ, 2006). Segue a passagem de Canez sobre sua conclusão:

Essa observação [a citada por Machado] parece solucionar a dúvida surgida quanto à autoria do edifício Sul América, embora, nas pranchas do projeto arquitetônico arquivadas na Prefeitura de Porto Alegre, consultadas, digitalizadas e redesenhadas para servir aos propósitos do trabalho aqui apresentado, conste apenas o carimbo do escritório referido e a assinatura do engenheiro Roberto Capello. As dúvidas relativas à autoria do edifício foram dirimidas por Nara Machado, que apontou os caminhos que ela já havia trilhado em sua tese de doutorado referida anteriormente (CANEZ, 2006, p. 52), (Grifo nosso).

O mesmo acontece com o edifício SULACAP, porém, sobre sua autoria, Canez sequer levantou dúvidas. Para afirmar tão seguramente a autoria de Gladosch, Canez, em seu texto introdutório, elencou uma ampla bibliografia consultada que afirmou tal fato. Dentre elas, destaca-se a obra de Alberto Xavier e Ivan Mizoguchi, intitulada “Arquitetura Moderna de Porto Alegre” e publicada em 1987, além de “Arquiteturas no Brasil: 1900-1990”, de Hugo Segawa (2014) e outros.

Talvez seja o livro publicado pelo prefeito José Loureiro da Silva, intitulado “Um Plano de Urbanização” (1943), o responsável pelas conclusões sobre a autoria de Gladosch por parte dos autores utilizados por Canez. O documento, que detalha o plano urbanístico desenvolvido por Gladosch naquela década, continha a perspectiva do SULACAP, sem crédito ao autor do projeto (ABREU FILHO, 2006, p. 132).

²³ Conforme publicação na Revista Sul América, n. 14, p. 5, set. a nov. 1979.

²⁴ É oportuno destacar que o livro “Presença Estrangeira - Arquitetura no Rio de Janeiro 1905-1942”, informa que Prentice deixou o Brasil em 1952, para se estabelecer em Eastbourne, onde veio a

falecer em 1960. A sede de Niterói pode ter sido o último projeto desenvolvido pelo arquiteto no Brasil.

²⁵ Paranaguá era a cidade mais próxima de Curitiba para o pouso de hidroavião.

Tratando-se de um documento que discutia o Plano Diretor de Arnaldo Gladosch, o qual apresentava a perspectiva do projeto, como não lhe atribuir a autoria?

Não é de se estranhar que, com tantas fontes afirmando a autoria de Gladosch para ambas as sedes, Canez sequer duvidou da informação. Entretanto, a reunião de alguns episódios, tais como, as notícias de viagens de Capello para Porto Alegre nos anos 1936, 1940 e 1949; a existência do Departamento de Propriedades e Hypotecas no ano de 1935; a informação sobre a assinatura de Capello no projeto do Sul América (citado por CANEZ, 2006); a autoria dos projetos das sedes em outras capitais; além da notícia sobre a inauguração do edifício SULACAP publicada no Jornal do Dia de Porto Alegre, possibilitou a inferência sobre a participação direta de Roberto Capello nos projetos, mas tal conclusão não impede o questionamento por parte de novas pesquisas. Segue abaixo o trecho deste noticiário que aponta Capello como coautor do projeto do SULACAP:

Nossa reportagem pôde apurar que viajaram no 'Constallation', além do vice-presidente do Sulacap, Sr. Antônio S. de Larragoiti Junior e exma esposa, mais as seguintes pessoas: [...] drs. Arnaldo Gladosch e Roberto Capello, arquitetos do edifício Sulacap de Pôrto Alegre, e muitos outros diretores, gerentes de sucursais [...]. (Grifo nosso).



Figura 3: Perspectiva do Edifício do SULACAP/Porto Alegre. Fonte: Revista Notícias do Sulacap, ano 6, maio de 1942, número 69.



Figura 4: Edifício Sul América/Porto Alegre. Fonte: Disponível em: <https://lista.mercadolivre.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2020.

Em novembro de 1937, registrou-se uma das tantas viagens de Capello para Belo Horizonte, provavelmente para dar início aos projetos das sedes nessa cidade:

Pelo avião 'Electra', da linha mineira da Panair do Brasil, viajaram hontem os seguintes passageiros: do Rio de Janeiro para Bello Horizonte: dr. Alcindo Vieira, Joaquim Tavares Coelho Filho, Roberto Capello e Julian Angel Villareal [...]. (JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23 jul.1938);



Figura 5: Roberto Capello na inauguração do Conjunto Arquitetônico SULACAP/Sul América de Belo Horizonte em 1947. Fonte: Arquivo Histórico da UFJF – Extraído de Bernardo Vieira, 2006.

As viagens para Salvador, onde as duas sedes foram construídas, também foram registradas nos noticiários:

Pelo hidro-avião da linha internacional da Pan American Airways, parte hoje, às 6 horas, do Aeroporto Santos Dumont: [...] para a cidade de Salvador, Alceu Reveilleau, dr. Roberto Capello e B. F. Weaver [...]. (JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17 out. 1939).



Figura 6: Fotografia da década de 1950 Edifício Sulacap/Salvador. Fonte: Acervo pessoal do autor.

O resultado preliminar da pesquisa constatou a autoria comprovada de Roberto Capello das seguintes sedes: Curitiba (Sul América), Recife (SULACAP/Sul América); Salvador (SULACAP/Sul América); Juiz de Fora (SULACAP); Santos (SULACAP); Porto Alegre (SULACAP/Sul América); Belo Horizonte (SULACAP/Sul América) e Fortaleza (Sul América).

A partir de 1948, não há mais relatos sobre viagens do arquiteto, tampouco registros de novas construções nas revistas da empresa ou em jornais. A partir da década de 1950, a empresa interrompe seus investimentos imobiliários em decorrência da crise econômica do país.

A confirmação de que Prentice assinou o projeto de Niterói²⁶ - que, a princípio, foi atribuído a Capello em decorrência da presença de elementos formais similares aos das demais sedes projetadas por esse arquiteto - levantou outras dúvidas em relação à trajetória profissional de Capello: seriam as sedes de Salvador os últimos projetos assinados pelo arquiteto? Teria a empresa encerrado o Departamento de Propriedades e Hipotecas nesse período e voltado a contratar o arquiteto Robert Prentice, responsável pelos primeiros projetos da empresa? Qual a trajetória de Capello após a década de 1950?

A despeito dos dados coletados serem suficientes para atingir o objetivo da pesquisa, as dúvidas levantadas no decorrer da investigação sobre Capello redirecionaram os estudos na tentativa de complementar o curso de sua carreira após 1950, até o seu falecimento em 1985.

Considerações finais

Estudar obras de arquitetura requer o exercício crítico. Edificadas num tempo, elas passam a fazer parte da história, não de uma história periodizada, mas como parte de um processo de transculturação de ideias, segundo o pensamento de Marina Waisman (1990). O reconhecimento crítico de uma obra ou de um conjunto de obras, tal qual se pretende realizar com a pesquisa de doutoramento, pode ser considerado como um instrumento para abrir outras portas, conforme propõe Ruth Verde Zein (2011), que neste caso seria a apreensão de um cenário constituinte de um processo de transformação da arquitetura brasileira. Não no sentido do lugar em que ocorre a ação, mas no significado de conjunto de elementos visuais que compõem o espaço onde se apresenta a ação, no caso, os atos de fazer arquitetura que moldam o cenário criativo, provenientes de um arquiteto pouco conhecido na literatura brasileira: Roberto Capello.

²⁶De acordo com o projeto original arquivado na administração do condomínio.

A despeito da capacidade de expressão do projeto (ZEIN, 2011), é relevante a análise das documentações sobre o arquiteto, que auxiliam na leitura do projeto à medida que o mesmo imprime as preferências, relações e formações do autor, mesmo que de forma tímida, como acontece no caso do cliente conduzir a projeção. São fatores reconhecidos a dificuldade enfrentada no levantamento da documentação de arquitetos pouco reconhecidos na historiografia brasileira e a importância de estudos que revelem suas trajetórias e seus modos de criação, tendo em vista suas contribuições para a produção do espaço construído. Ao fazer essa contribuição, o arquiteto está “difundindo ideias e valores, dentro de condições particulares, tanto técnicas, como de assimilação dos conteúdos estéticos pela sociedade” (AMORA, 2011, p. 1), condições imprescindíveis para a análise que se pretende realizar.

Preliminarmente, pode-se afirmar que Roberto Capello, mesmo que vinculado exclusivamente a um determinado grupo de interesse, a empresa Sul América, contribuiu para a produção de obras representativas no contexto da construção e urbanização das principais cidades brasileiras.

Referências

ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. **Porto Alegre como cidade ideal** – planos e projetos urbanos para Porto Alegre. 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de; CARVALHO, Maria Rosa; FREIRE, Raquel Neimann da Cunha. O IPHAN e os desafios da preservação do patrimônio moderno: a aplicação na Bahia do Inventário Nacional da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Modernos. *In*: 8º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2009, Rio de Janeiro. **Anais** [. . .]. Rio de Janeiro: DOCOMOMO-Brasil; PROARQ/FAU/UFRJ, 2009.

BOLETIM nº 129 da Diretoria de Engenharia Pública. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 jun. 1936.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

CABRAL, Maria Cristina; PARAÍZO, Rodrigo Cury. **Presença Estrangeira**.

Arquitetura no Rio de Janeiro 1905-1942. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2018. 261 p.

CANEZ, Anna Paula Moura. **Araldo Gladosch**: o edifício e a metrópole. 2006. Tese (Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CAPELLO, Roberto. O Copacabana Palace Hotel. **Revista Arquitetura e Urbanismo**, Rio de Janeiro: Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), p. 17, jul./ ago. 1936.

CARDOSO, Carina Folea. **100 anos de verticalização em Juiz de Fora**: edifícios de apartamentos na avenida Barão do Rio Branco. 2015. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) - Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2015.

DIÁRIO Oficial Da União (Brasil), jun. 1935.

FINOCHIO, Carlos. **Santos do século XX**: trajetória da arquitetura e urbanismo. WebArtigos, 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/santos-do-seculo-xx-trajetoria-da-arquitetura-e-urbanismo/64802/>. Acesso em: 02 out. 2014.

FRANCO, Tiago Seneme. **A Trajetória de Jacques Pilon no centro de São Paulo**. Análise das Obras de 1940 a 1947. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

GREGOTTI, Vittorio. **Nuevos Caminos de La Arquitectura Italiana**. Barcelona: Editorial Blume. Barcelona, 1969. 128 p.

JORNAL Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ed. 10620, 14 ago. 1929, p. 6.

JORNAL Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 17 out. 1939.

JORNAL Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 23 jul. 1938.

JORNAL do Brasil, Rio de Janeiro, 11 abr. 1936.

JORNAL do Brasil, Rio de Janeiro, 25 jun. 1935.

JORNAL do Brasil, Rio de Janeiro, 31 dez. 1937.

JORNAL do Brasil, Rio de Janeiro, 8 jun. 1935.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, 15 nov. 1931, p.11.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, ed. 0001619, jan. de 1933, p. 8.

JORNAL do Dia, Porto Alegre, 20 set.1949.

MACHADO, Nara. **Modernidade, Arquitetura e Urbanismo**: o centro de Porto Alegre (1928-1945). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

MACIEL, Carlos Alberto. O exemplo e a regra. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 28 maio 2006, p. 10.

MANIFESTO aos Arquitetos. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 jul. 1949, p. 8.

MANIFESTO aos Arquitetos. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jul. 1949, p. 7.

MOREIRA, Fernando Diniz. A transformação do bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949). *In*: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, XIV, 2016, São Carlos. Cidade, Arquitetura e Urbanismo: visões e revisões do século XX: **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/31.pdf>. Acesso em: 02 set. 2018.

O IMPONENTE Edifício da Sul América. **Jornal O Dia**, Curitiba, 16 maio 1936.

O’GORMAN, Juan. Arquitectura técnica y Arquitectura Orgánica. *In* MALUENDA, Ana Maria Esteban. **La Arquitectura Moderna en Latino América**. Barcelona: Editorial Reverté S.A., 2016. p. 43-44.

PAMPONET, Roger; SANCHEZ, José Manoel Morales. O Engenheiro Emílio Baumgart e a Arquitetura Brasileira em Concreto Armado da Primeira Metade do Século XX. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PONTES E ESTRUTURAS, IX 2016, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://www.abpe.org.br/trabalhos2016/77.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

PEREIRA, Renata B. Tipologia arquitetônica e morfologia urbana. Uma abordagem histórica de conceitos e métodos. **Arquitextos** (São Paulo), v. 13, p. 4421, 2012.

REVISTA Notícias do Sulacap, Rio de Janeiro, n. 69 maio 1942.

REVISTA Sul América. Rio de Janeiro, nº 08, 1921

REVISTA Sul América. Rio de Janeiro, nº 14, set. a nov. 1979, p. 5.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1998.

SEGRE, Roberto. **Fervor cartesiano, paixão barroca**: Reflexões sobre o centenário de Belo Horizonte. Tradução: Conceição R. Pedrosa de Segre. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<https://joaodiniz.wordpress.com/2011/12/17/fervor-cartesiano-paixao-barroca-reflexoes-sobre-o-centenario-de-belo-horizonte-por-roberto-segre/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

TAFURI, Manfredo; Dal Co, Francesco. **Arquitectura contemporânea**. Madrid, 1978.

TENTORI, Francesco. **PM. Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi/IMESP, 2000.

TOGNON, M. **Arquitetura Italiana no Brasil** - a obra de Marcello Piacentini. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2000. v. 01. 276 p.

WAISMAN, Marina. **El interior de la História**: historiografía arquitectónica para uso de latino-americanos. Bogotá (Colombia): Editorial Escala, Woodbridge, 1990.

ZEIN, R. V. **Há que se ir às coisas**: revendo as obras. *In*: ROCHA, G.; BRONSTEIN, L.; OLIVEIRA, B. S.; LASSANCE, G. (org.). **Leituras em Teoria da Arquitetura 3**. Objetos. Rio de Janeiro: Riobooks, 2011, v. 3, p. 198-218.